

A Crônica na perspectiva da representação documentária

Eliane Vasconcellos¹

Dilza Ramos Bastos²

Resumo

Este artigo constitui resultado de pesquisa que analisa a representação da informação no âmbito dos documentos literários, em especial, da crônica, devido ao seu potencial de registrar, reorganizar e redimensionar os fatos e de propor novos ângulos de interpretação em razão do seu teor de verdade, com aspectos de intimidade e de humanidade. O quadro teórico apresenta abordagens de estudiosos da crônica, em uma vertente histórica e uma perspectiva conceitual. A investigação do processo de indexação, principalmente da indexação temática, apresenta abordagens de estudiosos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Considera o desenvolvimento das pesquisas voltadas à indexação temática, realizadas em uma instituição a partir da adoção da Teoria do Conceito de Darlberg. Propõe que o indexador da crônica reconheça intenções indo além do texto, mediante a observação do contexto sócio-histórico, sendo necessária postura crítica em relação a ideias contraditórias em busca de possíveis contribuições ao conhecimento. Propõe, ainda, que o processo de indexação da crônica seja estruturado mediante a identificação e o estabelecimento de categorias de informação referentes aos seus aspectos físicos e intelectuais. Diante de novos recursos tecnológicos que aumentam a interoperabilidade em sistemas referenciais e digitais, considera que a metodologia estabelecida seja aplicada a outros gêneros literários.

Palavras-chave: Crônica. Indexação temática. Teoria do Conceito.

Abstract

This article is the result of research which analyses the representation of information in the scope of literary documents, especially the chronicle due to its potential to register, reorganize and resize the facts, and to propose new angles of interpretation due to its truth content with aspects of intimacy and humanity. The theoretical framework presents approaches of chronicle scholars, in a historical perspective and a conceptual perspective. The investigation of the indexing process, mainly of thematic indexing, presents approaches of scholars of Librarianship and Information science. It considers the development of research oriented to thematic indexing, carried out in an institution from the adoption of the Darlberg Concept Theory. It proposes that the indexer of the chronicle recognize intentions going beyond the text by observing the socio-historical context, and critical posture is needed in relation to contradictory ideas in search of possible contributions to knowledge. Moreover, it proposes that the process of indexing the chronicle be structured through the identification and establishment of categories of information regarding its physical and intellectual aspects. Faced with new technological resources that increase interoperability in referential and digital systems, considers that the established methodology be applied to other literary genres.

Keywords: Chronic. Thematic indexing. Concept Theory.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: vasconcellosev@gmail.com

² Mestre em Ciência da Informação pelo Ibict/UFF. Bibliotecária, Chefe do Serviço de Biblioteca, da Fundação Casa de Rui Barbosa/Centro de Memória e Informação. E mail: dilzabastos@gmail.com

1 Introdução

Nossa pesquisa foi motivada por considerarmos que compreender e interpretar requeira capacidade de se colocar no lugar do outro, esforçando-se de forma sistemática e metódica, no sentido de conhecer a natureza das obras literárias e seu potencial informativo. Nessa linha (repetição de palavra), propomos que, com base em critérios cientificamente estabelecidos, seja possível ao indexador reconhecer intenções, indo também além do texto mediante a observação do contexto sócio-histórico. A princípio, nos pareceu que, na compreensão histórica, surjam os vínculos concretos das tradições e dos costumes, bem como o que poderá a eles corresponder no futuro. Além disso, consideramos a necessidade de uma postura crítica em relação a ideias contraditórias, em busca de possíveis contribuições ao conhecimento. (AZEVEDO, 2004, p. 130, 132).

A análise documentária realizada em serviços de informação geralmente se vale apenas da vivência dos envolvidos no processamento dos documentos e no atendimento aos usuários. Algumas vezes, podemos encontrar regras de elaboração de informação documentária, mas são poucos os estudos que buscam fundamentação teórica e metodológica. Assim, observamos que, se isso ocorria em relação a toda tipologia documental no âmbito literário, muito mais poderíamos considerar no caso das crônicas.

Além de apresentar sucintamente a fundamentação teórica de uma pesquisa iniciada em 2004, este artigo descreve um pouco sobre a evolução das considerações metodológicas construídas na época e, principalmente, sobre o desenrolar das aplicações práticas ocorridas desde então, em um centro de documentação especializado em Literatura Brasileira. Tais considerações foram adotadas em vários projetos de pesquisa voltados à indexação no âmbito de acervos históricos e, em especial, em documentos literários, compondo ações que visaram à análise documentária em suas fases de descrição dos aspectos físicos e temáticos, tendo em vista a representação e a recuperação da informação.

Assim, faz-se necessário observar que, tradicionalmente, o termo 'literatura' apresentava um sentido restrito de *belles-lettres* (humanidades), sendo que a importância da literatura propriamente dita não estaria no tema tratado, como é o caso da literatura informativa (GOMES, [199-?]). O tema de certas obras determinaria sua classificação pela matéria e não em literatura, demonstrando que o conceito de literatura estaria reservado a obras de imaginação que pertencessem a diferentes gêneros literários, como poesia, prosa de ficção, crítica literária e biografia literárias. Todavia, mesmo não sendo habitual a indexação

temática de todas as obras da literatura propriamente dita, acreditamos que alguns gêneros seriam exceções dependendo de sua natureza e do seu uso na pesquisa.

No caso da crônica, nosso interesse específico, buscando compreender sua natureza e luta por garantir seu espaço e permanência, nos deparamos com o claro posicionamento de um de seus estudiosos. Dimas (1974, p. 46) afirma que a crítica recebida pela crônica se mostra arrogante, desdenhando a produção cronista, do intelectual, sem justificar suas afirmações objetivamente, apesar de essa crítica poder vir do próprio autor da crônica. Tal fato se justificaria em razão do “desconhecimento do conjunto global da matéria ou ainda no hábito distorcido de desvalorizá-la face aos grandes romances ou grandes poemas”.

Portanto, alguns gêneros literários podem não apresentar estrutura textual, como, por exemplo, os artigos científicos, exigindo até mesmo a leitura documentária integral do documento. Nesse caso, consideramos que se enquadra a crônica, o que nos motiva sua maior indexação em razão da sua importância para a pesquisa sob vários aspectos, inclusive por sua temática.

2 Referencial teórico

Em nosso estudo sobre a indexação de documentos literários, em especial sobre a crônica, buscamos aprofundar nosso conhecimento sobre a natureza desse gênero literário, no sentido de obter melhores meios para a análise e a representação da informação com fundamentação teórica em fontes da Literatura, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

O levantamento da literatura sobre a crônica se deu pela vertente histórica e, em seguida, por uma perspectiva conceitual, principalmente, de abordagens dos seguintes estudiosos: A. P. M. C. Kaimote, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Antonio Dimas, Arnaldo Jambo, Davi Arrigucci Junior, Gilberto M. Teles, Margarida de S. Neves, Massaud Moisés e Nilma G. Lacerda.

A busca por fundamentação teórica no âmbito da indexação resultou na obtenção de significantes abordagens dos seguintes estudiosos: Anthony C. Foskett, Birger Hjørland, Charles L. Bernier, Derek W. Langridge, Frederick W. Lancaster, Hagar E. Gomes, Harold Borko, Maria Luiza de A. Campos, Nair Y. Kobashi, Peter Ingwersen, Rosa Inês de N. Cordeiro e Umberto Eco.

3 A indexação de obras literárias

A leitura é o caminho mais curto para se compreender uma obra, não uma simples leitura, mas sim uma leitura reflexiva ou interrogativa sobre seu valor literário e sobre seus aspectos mais característicos (TELES, 1979, p. 185). A nosso ver, essa abordagem se refere à contextualização da obra, por acreditarmos que, primeiramente, seja necessário conhecer sua situação dentro da história literária e entender a época de sua criação.

Ao focar a necessidade de entender a questão da informação como conhecimento em ação e como oferta de sentido em determinados contextos sociais, onde o papel das comunidades de interpretação é decisivo, ganham relevo os aspectos humanos e antropológicos da informação, sua utilização no cotidiano pelas comunidades, tanto no domínio do senso comum, nas mais diversas situações, como no domínio de comunidades científicas e profissionais. (AZEVEDO, 2004, p. 127).

Por outro ângulo, observamos que existem critérios para limitar a interpretação. De outra forma poderíamos nos deparar com um “paradoxo meramente linguístico” (ECO, 1997, p. 46, 50-51). “Se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado”.

Poder-se-ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. (ECO, 1997, p. 48).

Além disso, no âmbito da literatura, a classificação da ficção repousa em problemas singulares, pois o caminho para se distinguir o fato de sua interpretação não é rigoroso e, desse modo, nada poderá ser julgado como definitivo no texto antes de se observarem convenções interpretativas. Portanto, “nem todos os elementos da ficção são igualmente carentes de características objetivamente identificáveis”, mas poderíamos assumir que alguns deles “são passíveis de serem analisados com razoável segurança”. Tais elementos são assim denominados de “categorias de dados fundamentais em ficção” (BEGHTOL, 1994, 126 apud HAYES, 2001, p. 74, tradução nossa) e definidos como:

Eliane Vasconcellos; Dilza Ramos Bastos

1. Personalidades, inclusive narrador(es): seres que existem, atuam, e/ou participam no mundo imaginário; 2. Eventos, inclusive atos e/ou eventos humanos e não humanos: Ocorrências e/ou acontecimentos no mundo imaginário; 3. Espaço: Lugares e/ou locais geográficos no mundo imaginário; e 4. Tempos: unidades temporais no mundo imaginário (BEGHTOL 1994, 129, tradução nossa).

Cabe, assim, ressaltar que a nossa investigação para a melhoria da representação de documentos literários e da recuperação da informação tem uma significativa trajetória que ultrapassa uma década. Ainda na ocasião dos primeiros estudos sobre possível metodologia de indexação, ao serem levantados os mencionados critérios, observamos a descrição física e temática, até então realizada, de uma coleção de crônicas jornalísticas pertencente a uma unidade de documentação e informação solidamente considerada como referência no campo da literatura brasileira. Nessa experiência procuramos compreender como os indexadores procediam em um sistema que gerenciava as imagens das crônicas digitalizadas e o registro das informações documentárias elaboradas. A análise desse trabalho inicialmente apontou para uma prática baseada na experiência pessoal e na formação escolar dos envolvidos.

Em seguida, já contando com critérios de análise que consideramos importantes para o processamento das crônicas jornalísticas, tendo em vista ser possível reconhecer o potencial informativo e elaborar as informações documentárias a elas pertinentes, a indexação passou a ser realizada com base teórica, mesmo que ainda não se constituísse uma metodologia propriamente dita. Assim, esses critérios nortearam os processos de leitura documentária e de interpretação, mediante conjectura sobre a intenção do texto e pelo estabelecimento de categorias de informação. A indexação do conteúdo do documento deveria apresentar aspectos particulares desse documento, tais como: sua natureza; seu processo de produção; sua definição no contexto; sua intencionalidade; os objetivos organizacionais do serviço de recuperação da informação que tem sua guarda, considerando-se também as necessidades informacionais de usuários potenciais desse serviço (CORDEIRO, 2000, p. 80).

4 A crônica

A crônica é apresentada como gênero incluído num primeiro grupo dos gêneros literários (ensaio, crônica, discurso, carta, apólogo, máxima, diálogo, memórias), no qual os autores explanam diretamente seus pontos de vista e dirigem-se em seus próprios nomes ao

leitor. Num segundo grupo, estariam os “gêneros de natureza estritamente literária, aos quais a poética contemporânea reduz a compreensão e o estudo da literatura” (COUTINHO, 1971, p. 109). O significado tradicional do termo ‘crônica’ é: relato de acontecimentos em ordem cronológica. Assim, o sentido primitivo relato histórico (gênero histórico) foi mantido por vários idiomas europeus modernos até hoje, exceto pelo português.

A partir de certa época, a palavra foi ganhando roupagem semântica diferente. ‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. Ao que parece, a transformação operou-se no século XIX, não havendo certeza se em Portugal ou no Brasil. (COUTINHO, 1971, p. 109).

Assim, na atualidade, a crônica jornalística é vista de forma diferente da crônica histórica, estando mais ligada ao jornalístico (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987). Isso porque, como vimos, além do aspecto histórico, ela tem teor de verdade, com aspectos de intimidade e humanidade, como já exposto. Contemporaneamente, busca-se na crônica a organização ficcional do texto tendo em vista escapar ao caráter efêmero do jornal, isto é, a crônica contemporânea ultrapassa a função objetiva e se apropria de elementos da narrativa ficcional, tratando o fato diferentemente da forma dispensada ao texto jornalístico.

Ao tecer sobre o pequeno acontecimento cotidiano, o cronista contemporâneo tem a possibilidade de reorganizar e redimensionar os fatos subjetivamente, oferecendo novos ângulos de interpretação (KAIMOTE, 2004). Entretanto, a crônica possui ingredientes próprios da literatura, o que determinará sua proximidade da literatura ou da reportagem (MOISÉS, 1983). Possuindo características singulares que não obedecem a estruturas predeterminadas como em outros tipos de textos, a palavra lhe serve como matéria-prima, tanto quanto na literatura.

Espremida entre o rigor informativo e a liberdade verbal, a crônica condensa a tensão narrativa exemplar, cuja fidelidade ao histórico está constantemente ameaçada pela liberdade criativa. Diante do cronista, o fato se desfolha, se desventra e, eventualmente, se torna tão ambíguo quanto a própria linguagem que o moldou. Se a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode ocorrer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano. (DIMAS, 1974, p. 49).

Desse modo, o seu texto não é rigoroso, pois o cronista não faz uma prolongada reflexão, e sim flui naturalmente como um brotar de sua visão do mundo. Fato e interpretação são mesclados e soldados, compondo uma tessitura tensa que poderá tornar-se ficção pura. Por essa razão, se questiona se seria possível, por meio de um exame severo da produção do cronista, se levantarem

determinadas linhas-mestras que informam sua ideologia, enquanto **‘tomada de posição** filosófica, política, estética, etc., em face da realidade’? No seu relativo à vontade, não seria a crônica um veículo generoso para identificar as matrizes ideológicas que se ocultam sob sua retórica? Por outro lado, a exumação e o estudo de extensa colaboração jornalística [...] não poderia servir como auxiliar no sentido de consolidar, retificar ou alterar o perfil intelectual do escritor já ‘estabelecido’? (DIMAS, 1974, p. 49).

Por outro lado, Coutinho (1971) alerta para o fato de que, de forma geral, as crônicas apresentam alguns problemas quando são noticiosas e se constituem em reportagens disfarçadas, tornando o fato um pretexto para o cronista em suas divagações. Sua linguagem precisa ser atual para refletir o espírito da época, pois a língua corrente é a mais viva expressão da sociedade humana no tempo. Ela precisa contar com a capacidade de simpatia humana do cronista, tendo este um estilo com tendência para as formas simples, com tom comunicativo, de conversa e de bate-papo, mantendo permanentemente a possibilidade de diálogo entre o cronista e o leitor.

A questão sobre a crônica jornalística pertencer à literatura ou ao jornalismo é vista como polêmica, pois alguns estudiosos consideram que a permanência do gênero na literatura somente seria possível ao estar no livro. Contudo, na opinião de outros, a crônica deveria permanecer em sua origem – o jornal.

Em suma, para caracterizar a crônica é mister ressaltar de um lado a sua natureza literária, e do outro a natureza ensaística. Pelo primeiro traço, ela se distingue do jornalismo, o que é importante, porquanto a crônica é um gênero literário mais ligado ao jornal; mas, enquanto o jornalismo (artigos, editoriais, tópicos) tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo dirigindo a opinião, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o

Eliane Vasconcellos; Dilza Ramos Bastos

artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito (de *‘finesse’*), de sua graça, de suas faculdades inventivas. [...] A integração da crônica se dá quando ela atinge a transcendência literária. Então ela se torna um gênero literário autônomo, tal como ocorre na literatura brasileira, em que ela substitui o *essay* dos ingleses. (COUTINHO, 1971, p. 122-123).

Entretanto, sem pretensões de durar, a crônica acaba conseguindo transformar a literatura em algo íntimo e, transferindo-se do jornal para o livro, ela durará mais do que imaginava (CANDIDO, 1992, p. 16-17).

O leitor de hoje pode não perceber o vínculo que a crônica tem com sua origem, isto é, ser uma forma do tempo e da memória, como um meio de representação temporal dos eventos passados. “Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar”. Sua origem, no Brasil, teve influência europeia, mas com desenvolvimento próprio e extremamente significativo, constituindo-se em gênero literário, sobretudo pela participação de grandes escritores brasileiros. Hoje, o cronista está voltado aos fatos do cotidiano. Como um comentarista, podemos perceber também um retorno ao narrador rigoroso e preciso de fatos históricos (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987, p. 51-54).

Portanto, consideramos que a crônica pode reescrever a trajetória do país a partir de fatos e situações que possam estar ocultos ou ignorados pela história oficial, vinculando, dessa forma, o elemento histórico e o jornalístico. O cronista pode, assim, reter a memória do país, refletindo e atando, por meio da ficção, sua história remota e recente, bem como usar sua obra como meio de entendimento da história. A crônica escapa de ser uma reportagem graças a ingredientes próprios da literatura, ressaltando-se, dentre eles, o humor. Porém tenderá para o jornalismo ou para a literatura, dependendo de indícios de reportagem ou indícios literários, o que acarretará sua maior ou menor efemeridade. Questiona-se, assim, se “transfери-la para o livro, como se tem feito nos últimos anos, significa preservá-la de esquecimento e atestado de valor”. (aspas de quem?)

Tanto o jornalista quanto o historiador têm o verbo como matéria-prima, distinguindo-se um do outro pelo fato de que o primeiro tem sua palavra imediatamente levada ao conhecimento da opinião pública, envolvendo-se, de certa, forma nos acontecimentos. Contudo, ambos lidam com arquivos humanos e utilizam linguagem própria. Assim, podemos

observar significativas características da crônica, tais como: subjetividade (COUTINHO, 1971; NEVES, 1992; DIMAS, 1974; KAIMOTE, 2004; MOISÉS, 1983); flexibilidade, mobilidade e irregularidade (COUTINHO, 1971); linguagem atual (COUTINHO, 1971); tom comunicativo (COUTINHO, 1971); linguagem predominantemente referencial (MOISÉS, 1983); liberdade (COUTINHO, 1971; DIMAS, 1974); desembaraço (COUTINHO, 1971); humor (CANDIDO, 1992; MOISÉS, 1983; LACERDA, 1979); ironia (LACERDA, 1979); sátira (LACERDA, 1979); intimidade (CANDIDO, 1992); teor de verdade íntima, humana e histórica (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987); fugacidade (VERÍSSIMO apud LAGO JUNIOR, [2001?]).

A crônica, em sua origem, pretendia-se “registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato” (NEVES, 1992, p. 82), mas, na virada do século XIX para o século XX, ela incorpora o reconhecimento da subjetividade do narrador. A crônica social moderna foi iniciada no Brasil, por Paulo Barreto, cronista com vocação jornalística e que tem sua obra considerada como “a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante” (COUTINHO, 1971, p. 116). Barreto, popularizado sob o pseudônimo de João do Rio, acreditava que a crônica poderia ser o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro, bem como o cronista social imitaria o operador cinematográfico. Entretanto, as crônicas de Barreto conciliaram esplendidamente o jornalismo e a literatura e se adaptaram ao ritmo acelerado da vida contemporânea, como uma caricatura do mundo social.

Com a Semana da Arte Moderna, em 1922, inaugura-se o Modernismo, e a crônica toma nova feição. Na época, as revistas ilustradas vinham apresentando encantadoras crônicas, das quais se destacam as de Álvaro Moreyra, cronista que influenciou jovens da geração modernista, tais como: Antônio de Alcântara Machado, Berilo Neves, Osório Borba Genolino Amado, Benjamin Costallat, Henrique Pongetti, Gilberto Amado, Agripino Grieco e Vivaldo Coaracy.

Ao buscar estabelecer uma classificação para os cronistas brasileiros, Coutinho (1971) considera os diferentes tipos de crônicas e propõe, assim, as seguintes categorias:

- a) a *crônica narrativa*, cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim. [...]

Eliane Vasconcellos; Dilza Ramos Bastos

- b) a *crônica metafísica*, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens. [...]
- c) a *crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado. [...]
- d) a *crônica-comentário* dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, ‘o aspecto de um bazar asiático’, acumulando muita coisa diferente ou díspar. [...]
- e) a *crônica-informação*, mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre ele comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal. (COUTINHO, 1971, p. 120).

Observamos que essas categorias propostas não devem ser vistas como rígidas separações entre os tipos, mas que oferecem traços de identificação, sendo possível perceber que alguns cronistas são ecléticos, o que também é próprio da natureza da crônica: a flexibilidade, a mobilidade e a irregularidade.

Outra abordagem referente a uma possível tipologia de crônicas é feita por Moisés (1983, p. 250), que propõe, em relação ao caráter literário, a crônica-poema e a crônica-conto, “conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo”.

As fronteiras entre uma crônica e um conto não estão ainda claramente definidas, para se permitir uma separação segura e válida nas possíveis classificações. Nem a história das duas espécies literárias pode servir como base da ampla significação que lhes conferem hoje a crítica e o historiador da literatura. [...] O que se pode observar no estudo histórico das literaturas, de que a brasileira, bem como as suas manifestações provincianas, oferecem numerosos exemplos. Antes do aparecimento do conto, como tal definido e estruturado, o que se percebe é uma forma de literatura em transição: opiniões pessoais se misturando com elementos de ficção e observações científicas, como é comum na nossa literatura colonial. (TELES, 1969, p. 95).

Todavia, podemos considerar que, na crônica-poema, a poesia se instala no perímetro da crônica em razão da conjunção de um motivo singelo surgido no cotidiano com a sensibilidade do cronista, que se coloca como porta-voz dos leitores. Assim, na crônica-poema, ressalta-se o “eu”, enquanto, na crônica-conto, a ênfase está no não-eu, isto é: no acontecimento para o qual o cronista direciona sua atenção. Na crônica-conto, o escritor não

está alheio ao acontecimento, mas o acontecimento é que requer o seu historiador. O fato se constitui em uma dificuldade para o cronista, pois esses dois limites – o território da poesia e o território do conto – podem ser ultrapassados.

Embora existam críticas à crônica por seu caráter efêmero e por atestar fatos deformados segundo seu narrador, é considerado por estudiosos que ela se metamorfoseou e se instalou no periodismo. Contudo, diz-se que não perdeu sua essência, constituindo-se repositório que permite avaliar as concepções apresentadas pelo cronista. A crítica parece também se equivocar ao considerar tão somente a matéria-prima verbal sem distinguir jornalismo de literatura e, dessa forma, não seria lícito comparar a crônica jornalística ao texto poético.

5 A indexação

Almejando dar amplo acesso à informação, a indexação deve ser mais abrangente, procurando categorizar o documento. Nesse intuito, ressaltamos o posicionamento de Hjørland (1992, p. 187), ao esclarecer que a avaliação do indexador é a priorização e a categorização dos potenciais informativos. Segundo o estudioso, isso se dá pelo discernimento e previsão de questões de pesquisa, considerando-se a infinidade de propriedades dos documentos. É necessário descrever o significante, geral, necessário e típico, pois o pesquisador procura referências que permitam reconstruir seu conhecimento e orientar seu trabalho (SAYÃO 1996, p. 314). “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1990 apud SAYÃO 1996, p. 314).

Todavia, não seria possível uma profunda descrição do conteúdo somente pela formalização da linguagem, bem como a caracterização dos documentos poderia ser feita em grau de maior ou de menor importância de acordo com o propósito que se tem. O indexador deve possuir maturidade no julgamento para descrever o assunto do documento, o que constitui um prognóstico de potenciais futuros baseado nos julgamentos positivos ou julgamentos negativos, apesar de o potencial de informação de um documento ser possibilidade objetiva. Isto é, para que o indexador identifique as propriedades do documento, deve haver uma argumentação explícita, prova ou probabilidade, altamente dependente de

condições particulares, não sendo esse processo passível de informatização. Entretanto, as propriedades que são fundamentais para um contexto não necessitam estar em outros. Especificamente, em relação à temática do documento, é considerado também que o propósito da análise de assunto seja determinar se um documento tem potencial epistemológico em relação a usuários futuros de uma categoria ou um dado conceito (HJORLAND, 1992; 1997).

Ressaltamos, então, que a leitura-indexadora produz um metassentido, resultado da articulação entre conjunto de documentos (considerando aspectos não-temáticos e temáticos), conjunto de usuários (perguntas dos leitores) e conjunto unidade-organizacional (fatores e contexto relacionados ao planejamento do sistema de recuperação da informação). Desse modo, devem ser investigados: o objeto da análise; o processo de produção de um item de informação; a definição no contexto; e a intencionalidade do documento, considerando a coleção, os objetivos organizacionais do sistema de recuperação da informação e as necessidades informacionais de usuários potenciais (CORDEIRO, 2000).

Representar o conhecimento na forma simbólica é uma questão antiga no campo da documentação. Portanto, é necessário decidir como o conhecimento pode ser representado de forma que as representações possam ser manipuladas (VICKERY, 1986).

5.1 A indexação temática de crônicas

O que se almeja em um sistema documentário é a captação do conteúdo informativo do documento de forma a traduzi-lo em uma linguagem que seja intermediária entre o usuário e o documento. A indexação temática pode, assim, ser entendida como o processo de analisar o conteúdo informacional de registros do conhecimento e expressá-lo na linguagem do sistema de indexação, o que envolve selecionar conceitos indexáveis em um documento e expressar esses conceitos na linguagem do sistema de indexação, os quais constituirão pontos de acesso (CAMPOS, 2001).

Portanto, ao falarmos em indexação temática de crônicas, consideramos que um texto possui diferentes significados de acordo com o uso particular que uma pessoa pode fazer da atenção naquela ocasião (MOENS et al., 1999). Por atenção, entendemos que seja “do que o documento diz respeito”, “do que concerne”. Além disso, um documento pode ser relevante para uma necessidade de informação sem estar tratando diretamente dessa necessidade de informação (HARTER, 1992).

A indexação temática passa, então, por duas etapas: a análise conceitual, na qual se decide do que trata o documento em relação ao interesse dos usuários; e a tradução, ao se converter a análise conceitual do documento em um conjunto de termos (representação do conteúdo temático).

Para tal, nos últimos anos, aplicamos os critérios estabelecidos em pesquisa científica iniciada no ano de 2004, que teve como campo empírico um centro de informação voltado à Literatura Brasileira (BASTOS, 2006). Essa pesquisa foi motivada por projeto anteriormente desenvolvido, nos anos de 2000 e 2001, em uma biblioteca da mesma instituição, que resultou em um vocabulário sistematizado segundo metodologia fundamentada pela Teoria do Conceito, de Dahlberg (BRASIL, 2002). Desse modo, consideramos que o conceito é uma representação do conhecimento e não do pensamento. Dalbert utiliza a Teoria do Conceito no campo das linguagens documentárias de abordagem alfabética, especificamente para a elaboração de tesouros.

Com a ajuda das linguagens naturais é possível formular enunciados a respeito de conceitos individuais e conceitos gerais. Todo enunciado sobre objetos contém um elemento do respectivo conceito, que se identifica como característica do conceito. Características idênticas evidenciam relações entre conceitos. A intensão de um conceito é a soma total de características e a extensão do conceito é a soma total de conceitos mais específicos. A categorização formal dos conceitos — objetos, fenômenos, processos, propriedades, relações — tem importância na formação de sistemas e na combinação dos mesmos. São da maior importância as definições corretas dos conceitos, pois que o contínuo desenvolvimento do conhecimento e da linguagem, (sic) conduz-nos à utilização de sempre novos termos e conceitos cujo domínio nem sempre é fácil manter. (HMPB apud DAHLBERG, 1978, p. 101).

A busca por critérios para a indexação temática, da coleção de crônicas ocorreu devido à limitação da descrição em base de dados, pois inicialmente estabelecia apenas como pontos de acesso a data de publicação e o título da crônica. Desde os estudos iniciados em 2001 que constatávamos a necessidade de polirrepresentar o potencial informativo e, em especial, quanto ao conteúdo. O objetivo era, desde então, oferecer informações organizadas e normalizadas que dessem à busca, em base de dados, maior especificidade, evitando duplicidade de formas e resultados negativos. Desse modo, para descrever tematicamente a

crônica, decidimos aplicar ao processo de indexação a metodologia fundamentada pela Teoria do Conceito, mesmo que as primeiras ações estivessem voltadas à estruturação da tipologia de informações nesse tipo de documento. Tais ações concomitantes serviram para maior percepção de questões singulares, como é o caso de um nome ou termo ser representativo daquilo que o texto de fato trata ou apenas ser uma menção, o que caberia estar em categorias de informação diferentes. Questões dessa natureza muitas vezes geram erros na descrição física e temática dos documentos, resultando em erros na recuperação da informação.

O trabalho inicialmente resultou em uma estrutura que descrevia a crônica em seus aspectos físicos e intelectuais, constituindo na época as seguintes categorias de informação: Data de publicação, Título, Características, Tema central, Discussão, Índice onomástico e Índice vocabular. No decorrer do tempo, tal estrutura foi desenvolvida principalmente em razão de percebermos a variação temática das crônicas e, desse modo, foi criada nova categoria denominada Termos controlados.

Portanto, nos concentrando no principal objetivo deste artigo, focalizaremos nossa discussão na descrição temática das crônicas. Em nossa explanação, pode-se observar que na fase inicial foram constituídas apenas duas categorias para registro da tematicidade; contudo, ambas contêm termos que representam os assuntos de cada crônica. Tal distinção pode existir dependendo da configuração do sistema de bases de dados utilizado, porém, cabe alertar que essas categorias foram estabelecidas como campos distintos, mas como pontos de acesso que convergem para um mesmo índice.

O conjunto dos chamados “índices” pode apresentar diferenças nas bases de dados, mesmo que em um mesmo “grupo”, como é o caso do grupo comumente denominado como “Assuntos”. Em razão de congregarem, ou, por assim dizer, capturarem, os dados de todas as categorias que possam ter sido estabelecidas para melhor distinguir o tipo de descritor que representa a tematicidade dos documentos, devem permitir a busca integrada dessas categorias. Tal requisito é primordial, seja em casos como o que descrevemos (um projeto inicial – piloto), seja em sistemas de bases de dados mais desenvolvidos. Isto é, no caso das categorias “Tema central” e “Termos controlados”, o sistema utilizado permitia a busca simultânea em ambas, pois não se justificaria fazer buscas distintas para cada categoria, a não ser em necessidade específica do usuário. Nesse último caso, o sistema deve permitir a busca em cada categoria e a busca integrada. No caso do nosso sistema na fase inicial, a distinção

entre ambas era feita apenas no processo de indexação, mas para o usuário somente era percebida na visualização dos registros resultantes de sua busca.

Com o desenvolvimento dos estudos científicos no âmbito da representação da informação e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, os sistemas passaram a possibilitar maior especificidade da tipologia de categorias de informação e, desse modo, a tematicidade pode ser representada com maior identificação. Isto é, o grupo de campos que representa a tematicidade pode identificar outras nuances e, assim, cada categoria temática pode ser diferenciada. Portanto, mesmo sendo congregadas na busca por meio de um mesmo índice, as categorias temáticas podem se distinguir compondo um grupo temático, como, por exemplo: nome pessoal; nome corporativo; título; e termo tópico (termo geral).

Desse modo, os projetos desenvolvidos nos últimos anos resultaram na gradativa construção de um vocabulário controlado segundo a metodologia adotada. Assim, passamos a descrever alguns aspectos dessa experiência com a crônica e as recentes ações que visam integrar o sistema de bases referenciais e sistemas digitais diante dos avanços tecnológicos.

5.2 A experiência metodológica na indexação temática

O primeiro passo da análise documentária é a leitura, que, no caso da crônica precisa ser integral não somente por ser um documento menor do que outros tipos de obras, mas também por não apresentar estrutura textual como outros documentos que possuem partes contendo informações sobre si e que podem constituir fontes de informação para a sua descrição, determinando, desse modo, atalhos.

A leitura e a interpretação resultaram em uma seleção dos conceitos identificados, de acordo com o grau de interesse que está diretamente associado às necessidades informacionais dos usuários, já que a determinação do tema implica decidir sobre do que o documento trata. Ao se identificar os conceitos constantes nas crônicas, os mesmos foram analisados visando a sua descrição, o que, conseqüentemente, resultou nas definições e em notas redigidas no sentido explicativo ou biográfico. A seleção dos conceitos tem o objetivo de separar termos tópicos (termos gerais) dos identificadores (nomes), e a verificação de sua forma diz respeito a questões tais como: termos; não-termos (que apresentarão remissivas); forma singular ou forma plural (no caso de termos assim consagrados, como, por exemplo, Ciências sociais).

A organização da estrutura do vocabulário estabeleceu as relações entre os descritores (termos ou nomes), identificando remissivas, USE e UP (usado por) e a relação associativa, VT (ver também). Portanto, as relações são percebidas a partir da observação das características constantes nos conceitos. Isto é, se conceitos contêm pelo menos uma característica em comum, deve, então, existir uma relação entre eles. A estrutura se apresenta da seguinte forma: estabelecimento das sinonímias por meio do relacionamento USE e UP; e estabelecimento das relações lógicas e ontológicas por meio do relacionamento VT.

Ao serem redigidas as notas de aplicação, que se configuram como notas explicativas com o objetivo de estabelecer uma interface entre o instrumento, o usuário e o indexador, procuramos orientar o usuário e o indexador quanto aos seguintes aspectos: política de indexação adotada; ordem de citação dos conceitos no momento da entrada de informação; e definição/explicação do conceito. Finalmente, as fontes utilizadas para a investigação dos termos e nomes, bem como para a redação das notas, são apontadas tendo em vista registrar o caminho seguido na análise do conceito e sua representação. A indicação de fonte negativa se dá pela importância de registrar que determinada fonte não possuía informação alguma, o que pode interessar ao usuário do vocabulário, seja ele pesquisador ou indexador, poupando tempo e esforço. Seguem alguns exemplos no quadro 1.

Termo tópico:	Literatura de cordel
UP:	Literatura popular em verso
Ver também:	Cordel
Ver também:	Literatura de cordel brasileira
Ver também:	Literatura de cordel portuguesa
Fonte positiva:	LCSH
Nota pública geral:	Literatura popular (especialmente contos, novelas e poesias) de impressão barata e exposta à venda em cordéis. Use o descritor somente no contexto da literatura brasileira, portuguesa ou espanhola.

Nome pessoal:	Braga, Rubem, 1913-1990
UP:	Cleico, 1913-1990
UP:	R. B., 1913-1990
UP:	B., R., 1913-1990
Fonte positiva:	Autor de: 200 crônicas escolhidas...1980
Fonte positiva:	BN Autoridade [D.]
Fonte positiva:	Dic. lit. bras., p.126 (d.n., pseud.)

Nome corporativo: **Academia Brasileira de Letras, 1897-**

UP:	ABL
Fonte positiva:	LC Autoridade
Fonte positiva:	BN Autoridade
Fonte positiva:	Academia Brasileira de Letras. Acesso em: 15 jul. 2003. Disponível em: http://www.academia.org.br
Fonte positiva:	em: http://www.academia.org.br
Nota histórica ou biográfica:	Fundada em 20 de julho de 1897. Tendo como primeiro presidente Machado de Assis. Em 1923, o governo francês doou uma réplica do Petit Trianon de Versales, prédio que se tornou sede definitiva da Academia.

Figura 1 – Exemplos de descritores, suas relações e notas, na estrutura do vocabulário

Fonte: Vocabulário sistematizado

O advento das novas tecnologias da informação tornou possível a pós-coordenação dos dados constantes, principalmente em categorias/campos que constituem pontos de acesso, em combinações que têm a função de associar ou excluir durante as operações de busca nos sistemas de informação. Além disso, a interoperabilidade desses sistemas integra registros e funções, possibilitando tanto o compartilhamento de informações durante a construção dos registros e a inserção de arquivos digitais quanto a própria busca integrada.

6 Considerações finais

A análise documentária de documentos literários requer ações que visem a minimizar a subjetividade inerente ao processo, o que demonstra que a leitura documentária não poderá ser uma ação puramente técnica. Ao contrário, ela deverá ser reflexiva ou interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, proporcionando um aprofundamento investigativo das reais intenções do autor e a identificação do potencial informacional do documento.

Maiores estudos são necessários para conhecer a natureza dos vários gêneros literários, de modo que possamos levantar as características que indiquem quais pontos de acesso seriam relevantes para a identificação das informações neles existentes. Portanto, apenas um conjunto de regras não atenderia à multiplicidade e à diversidade de casos.

A crônica pode registrar, reorganizar e redimensionar os fatos, proporcionando novos ângulos de interpretação, mas, para conhecê-la, é necessário compreendermos a obra do cronista em maior profundidade, buscando a transparência do subjetivo e pessoal. Ao se caracterizar pela subjetividade do narrador; por clareza de linguagem; por simpatia e estilo

simples, comunicativo, direto e pessoal; e por liberdade e desembaraço ao descrever os fatos do cotidiano, a crônica requer conhecimento da sua natureza, identificação de seus aspectos físicos e intelectuais e conhecimento de seu contexto e intencionalidade. Propomos, assim, que o processo de indexação da crônica seja estruturado mediante a identificação e o estabelecimento de categorias de informação referentes aos seus aspectos físicos e intelectuais.

Portanto, a evolução dos nossos estudos pode ser percebida nos projetos desenvolvidos, desde as primeiras iniciativas em se descreverem os documentos em bases de dados locais sem acesso remoto, seguindo-se a digitalização de crônicas e sua inserção em sistema que disponibiliza imagens de documentos e que permite a busca pelas palavras do texto, até os atuais recursos em implantação, que objetivam integrar bases referenciais e digitais. Desse modo, num futuro próximo, poderemos comunicar os resultados referentes a essa nova proposta, como evolução natural da nossa busca por critérios metodológicos para a indexação, diante das novas possibilidades tecnológicas.

Referências

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 238 p.

AZEVEDO, Marco Antônio de. Informação e interpretação: uma leitura teórico-metodológica. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 122-133, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/354/163>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BASTOS, Dilza Ramos. **Em busca de uma metodologia de análise documentária para as crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade**. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal Fluminense, 2006. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_DilzaRamosBastos_Em_busca_de_uma_metodologia_de_analise_documentaria_para_as_cronicas_jornalisticas_de_Carlos_Drummond_de_Andrade.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BEGHTOL, Clare. **The classification of fiction: the development of a system base on theoretical principles**. Metuchen: Scarecrow Press, 1994. x, 366 p.

BORKO, Harold; BERNIER, Charles L. **Indexing concepts and methods**. New York: Academic Press, 1978. 261 p.

BRASIL, M. I.; COELHO, B. A. S.; SPRENGER, C.; CAMPOS, M. L. A.; BASTOS, D. R. Vocabulário sistematizado: a experiência da Fundação Casa de Rui Barbosa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais do...** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. 1. p. 81-93.

CAMPOS, M. L.A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EDUFF, 2001. 133 p.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio, et. al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. **Informação e movimento**: uma ciência da arte filmática. Rio de Janeiro: Madgráfica Ed., 2000. 144 p.

COUTINHO, Afrânio. Teatro, conto, crônica, a nova literatura. In: _____. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul América, 1971. v. 6.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>>. Acesso em: 18 maio 2017.

DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? **Littera**, v. 4, n. 12, p. 46-51, 1974.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 184 p.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. UnB, 1973. 437 p.

GOMES, Hagar Espanha (Coord.). **Organize sua biblioteca de literatura**. [s. l.: s. n.], [199-?]. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitl/literatura/index.htm>>. Acesso em: 30 maio 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HARTER, S. P. Psychological relevance and information science. **Journal of the American Society for Information Science**, vol. 43, no. 9, p. 602-615, 1992.

HAYES, Susan M. Use of popular and literary criticism in providing subject Access to imaginative literature. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 32, n. 4, 2001.

HJORLAND, Birger. **Information seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to information science**. Westport, Conn.: Greenwood Pr. (New Directions in Information Management, n. 34), 1997. 213 p.

_____. The concept of "subject" in Information Science. **Journal of Documentation**, vol. 48, n. 2, p. 172-200, 1992.

JAMBO, Arnaldo. O outro papel da crônica. In: VILELA, Teotônio Brandão. **Andanças pela crônica**. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1963. p. 3-5.

KAIMOTE, A. P. M. C. Fato e ficção em Crônicas de fim do milênio, de Antonio Callado. **ALEA**, v. 6, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2004.

KOBASHI, Nair Yumiko. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Crônica**: nos não-limites, o livre percurso. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979. 340 p.

LAGO JUNIOR, Sylvio. O ofício do ensaísta. *Logos-Comunicação e Universidade*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4-9, [2001?]. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~fcs/publicações/Logos13_online.pdf>. Acesso em: 11 maio 2017.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. rev. ampl. e atual. até 2003. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 452 p.

LANGRIDGE, Derek Wilton. **Subject analysis**: principles and procedures. London; New York: Bowker-Saur, 1989. 146 p.

MOENS, Marie-Francine et al. Information extraction from legal texts: the potential of discourse analysis. **International Journal of Human-Computer Studies**, vol. 51, no. 6, 1999. p. 1155-1171.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 245-258.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio, et. al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

SAYÃO, Fernando. Bases de dados: a metáfora da memória científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25., n. 3, p. 314-318, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/629/633>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969. 152 p.

_____. Drummond. In: TELES, Gilberto Mendonça. **A retórica do silêncio**: teoria e prática do texto literário. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 181-205.

VICKERY, B. C. Knowledge representation: a brief review. **Journal of Documentation**, v. 42, n. 3, p. 145-159, 1986.